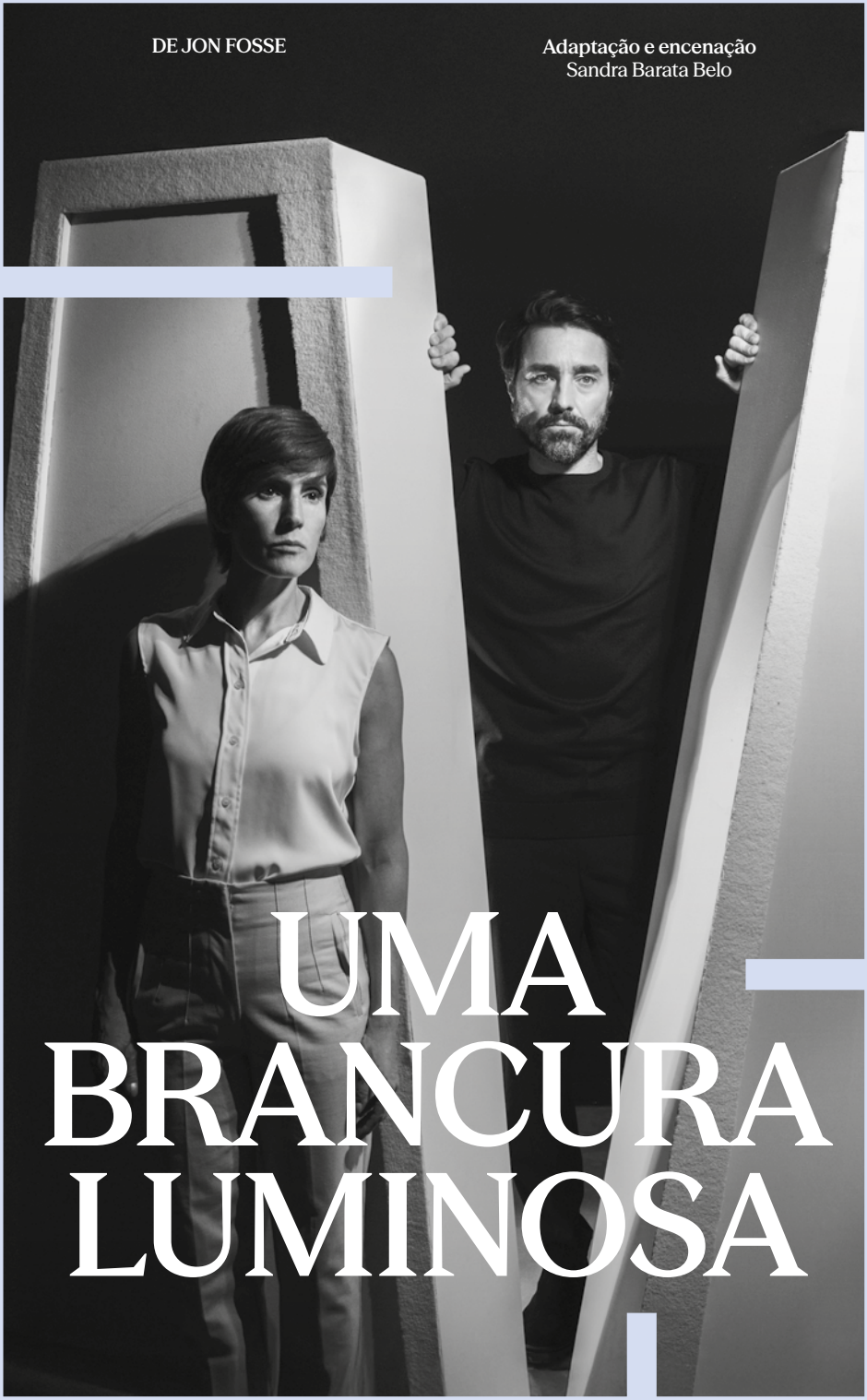
Teatro

PARQUE MAYER

Teatro Variedades

DE JON FOSSE

Adaptação e encenação
Sandra Barata Belo



UMA BRANCURA LUMINOSA

UMA BRANCURA LUMINOSA

A partir do texto do Prémio Nobel da Literatura, Jon Fosse, Uma Brancura Luminosa conta-nos a história de um homem que conduz sem destino, ao acaso, vira à direita, vira à esquerda até que o carro fica atolado numa estrada florestal. Sai do carro e perde-se no interior da floresta, debaixo do céu escuro e de neve. Quase morre de frio e de cansaço.

Entre questões e hesitações o homem segue, perdido nos seus pensamentos, em imagens que lhe trazem memórias. Um jogo entre o passado presente e futuro, que se vive no mesmo plano, pondo em causa o que vê, o que é realidade ou espectro. No meio deste existencialismo o homem vê uma estranha brancura luminosa.

Texto
Jon Fosse

Tradução
Liliete Martins

Adaptação e Encenação
Sandra Barata Belo

Interpretação
Ricardo Pereira,
Sandra Barata Belo

Música
Filho da Mãe

Direção de atores
Rita Lello

Assistência de Encenação
Gabriela Sousa

Movimento
Cláudia Nóvoa

Cenografia
Rui Francisco

Assistente de Cenografia
Mafalda Gonçalves

Desenho de Luz
Tasso Adamopoulos

Fotografia e Design
Telmo Sá

Direção Técnica
Luís Moreira

Figurinos e Adereços
Pilar Peres

Datas
14 janeiro – 25 janeiro 2026
terça a sábado, 21h
domingo, 16h

Classificação etária
M/12

Duração
80 min.

Sessões com Audiodescrição
23 e 25 de janeiro.
O reconhecimento de palco acontece uma hora antes.

Conversas com o público
Nos dias 15 e 20 de janeiro, após o espetáculo, os atores Ricardo Pereira e Sandra Barata Belo estarão disponíveis para conversar com o público, responder a questões sobre o processo criativo ou partilhar pontos de vista sobre a peça.

Produção Executiva
Cassefaz

Produção
Beladona

Co-Produção
Centro de Artes de Ovar, Cineteatro Louletano, Teatro Municipal de Ourém, Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão, Teatro Municipal da Covilhã

Apoio
República Portuguesa – Cultura, Juventude e Desporto / Direção-Geral das Artes, IFICT - Núcleo de Oeiras

FINANCIAMENTO
REPÚBLICA PORTUGUESA | CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO
dgARTES DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES

CO-PRODUÇÃO
OVAR CÂMARA MUNICIPAL
TMC Teatro Municipal da Covilhã
casa das artes famalicão
TMO

PATROCÍNIO
C. Santos VP
WHITE CLINIC

APOIO
FMODA
ZOLF
cavalo de ferro
Penguin Random House Grupo Editorial

APOIO À DIVULGAÇÃO
MOP

MEDIA PARTNERS
SIC
Expresso
98.1 MARGINAL

CONVERSA COM SANDRA BARATA BELO E RICARDO PEREIRA

***Uma Brancura Luminosa* é uma das mais recentes obras de ficção de Jon Fosse, Prémio Nobel da Literatura de 2023. Que atração foi esta que te levou a querer adaptar o texto para uma linguagem de teatro?**

Sandra Apesar de ser existencialista, Jon Fosse tem ao mesmo tempo uma escrita muito fácil, que é quase pautada por uma musicalidade. Quando estava a ler o livro deixei-me arrastar por esse ritmo. E esse ritmo era também a curiosidade de saber o que vai acontecer e quem é esta brancura luminosa. Onde é que o homem está? Nem dá vontade de fechar o livro porque tu queres saber onde é que este homem perdido na floresta vai parar. Que tempo verbal é este? É passado? Mas este homem fala no presente.... É muito inquietante. É um fluxo de pensamento que a mim me deu imagens e que achei que tinha muito de teatro. Todas estas características podiam ser exploradas e experimentadas em teatro. No início não sabia bem como. Limitei-me a pedir os direitos, a trabalhar o texto e a adaptar. Se fosse apenas um ator a dizer aquele texto, já daria qualquer coisa. Claro que depois o teatro tem a sua magia: a cenografia, as luzes, os dois meses de ensaios, toda uma equipa à nossa volta que torna tudo mais fazível e interessante.

Nesta história breve, a narrativa acompanha um homem num monólogo interior. Ficar com o carro atolado na neve, sem poder fazer inversão de marcha, e ficar a olhar para a floresta, pode-nos dizer que está qualquer coisa para acontecer? Que significados pode ter?

Ricardo Tem todos os significados e mais alguns: que alguma está para acontecer ou que já aconteceu. Embora seja um fluxo de consciência, nós acabamos por entender - ou não entender - algumas questões. Isto tem muito a ver com a escrita de Fosse. Ele encaminha-nos para um lugar, numa direção, com paralelismos com a nossa vida quotidiana, com as nossas experiências passadas e presentes, e com o que podemos vir a passar no futuro. Mas ele não nos dá com exatidão aquilo que estamos mesmo a viver. E isto torna ainda mais interessante este texto e esta peça, e o lugar onde este homem está. Eu diria que é como um casaco que serve a muitas pessoas, que se usa em várias situações, e representa vários momentos das nossas vidas. Metaforicamente o casaco pode representar isso. Mas também podem ser peles usadas, que no fundo são escolhas. O homem desta peça vive desafios diferentes. Nem todos vai conseguir resolver, mas vai fazer uma boa viagem sobre eles. Vai dar a conhecer aquilo em que se está a tornar nesta viagem.

A atmosfera das histórias de Fosse é muito sobre a busca de algum sentido na vida. O medo, a solidão, a ansiedade e a morte atravessam a narrativa. Fosse deixa-nos sempre sem respostas. É bom acabarmos o espetáculo com questões e sem sabermos o que possa ser a brancura luminosa?

Sandra Passamos o espetáculo a tentar perceber o sentido da brancura luminosa. Quem é a brancura luminosa que o homem vê, o que é que representa? Na encenação, tal como no livro, há uma ideia final para ela, há um propósito. Está no livro e eu tentei reproduzir isso na encenação. Há um encaminhamento do público para esta a brancura luminosa. Este espetáculo abre mais perguntas do que dá respostas. Para mim, isso é a beleza do teatro. É quando vamos ver uma peça e conseguimos fazer as perguntas certas, que de outro modo não conseguiríamos fazer. Jon Fosse dá-nos essa liberdade, e esta peça também dá.

Ricardo Jon Fosse é um autor que me acompanha há muito tempo sem eu saber. Depois da Sandra me convidar, revisitei as peças que já tinha visto deste autor. Esteve aqui no Teatro Variedades

o *Vento Forte* com os Artistas Unidos, há pouco tempo. Mas lembro-me de ter visto na Capital e na Politécnica, e ouvir até na rádio. De repente apercebi-me que era um autor que me acompanhava há tanto tempo, sem saber. Este encontro era algo que teria de acontecer. Há realmente um denominador comum na escrita de Fosse. Tem muito a relação com os pais, a morte presente, até um lado muito espiritual. A nossa peça tem muito isso, e as pessoas que têm assistido falam-nos muito dessa espiritualidade. Tem sido muito tocante para o público. Sentimos muitas vezes que o público não se mexe durante a peça toda. Acho que é sinal de que estão muito dentro daquilo que estamos a contar, dentro da viagem, e não querem perder nada. É também sinal de que esta adaptação está muito bem feita, que é muito concreta e objetiva, apesar de viajar dentro da subjetividade de Fosse. Na sua escrita há resoluções, há coisas concretas, mas também há uma imensidão de pensamentos e de ideias que ficam a pairar no ar. Amigos nossos ligam-nos, já depois de verem a peça, e dizem: "eu estava agora a pensar no espetáculo". Ou seja, durante alguns dias estiveram a digerir algo que viram no palco.

É a amplificação da arte que nós queremos trazer para os teatros e também para as pessoas. E esta é a beleza do teatro. Este autor permite-nos isso, tanto mais que ele não nos dá todas as respostas.

Têm andado em digressão pelo país. Que impacto têm sentido nas conversas que fazem com o público? Há alguma questão inesperada que vos tenha marcado?

Sandra Às vezes não são as perguntas, são os comentários. Há um denominador comum: a liberdade que sentem ao ver a peça. Sentem-se livres para dialogar.

Lembro-me de uma situação engraçada em que um senhor dizia que para vir ao teatro exigia saber alguns conceitos e ter algumas ideias bem esclarecidas na cabeça e que, quando viu esta peça, percebeu que, afinal, ...não! Podia ter a liberdade total para interpretar a peça como queria.

O teatro serve precisamente para isso, para entrar em diálogo, para nos dar liberdade. O teatro é este espaço mágico, em que estamos a partilhar um momento ao vivo, entre atores, autor e público. Pelas intervenções que as pessoas fazem, acho que também não estão muito preocupadas em querer saber o que é a brancura luminosa [risos].

Ricardo O que tenho sentido é que a maioria das pessoas fica para as conversas após o espetáculo. É extraordinário. É como se as pessoas quisessem falar um bocado sobre o que viram, sem quererem encontrar uma explicação para tudo, e sobre as múltiplas possibilidades que a peça lhes apresentou.

Eu sinto que ficam muito tocadas pela peça porque sentem que há uma relação com a sua existência. Já nos disseram: "Emocionei-me a peça inteira" ou "A peça trouxe-nos um pensamento tão bonito acerca do que vem depois da vida". Embora Jon Fosse se foque muito na morte, acho que esta peça pode ser a vida. Pode não ser o momento final de uma vida. Pode ser a vida completa, com um princípio, um meio e um fim.

Nestes encontros com o público, nós próprios saímos de lá muito tocados. Tem sido mágico.

Tem algum significado especial a música *Parole Parole* da cantora Dalida, que a certa altura ecoa na floresta?

Sandra Há coisas que penso intuitivamente. Quando estava no processo de adaptação e cheguei àquela parte, pensei: "E agora?... Agora entra o *Parole*!"

Ricardo E todos nós olhámos uns para os outros!?! Mas a Sandra, decidida, disse: "Aqui vai entrar o *Parole*. Ah, vai!".

Sandra É a Dalida e é também o Hamlet. Palavras e mais palavras. Palavras, palavras, palavras! Tudo aquilo que andamos a dizer uns aos outros são só palavras, mas há outras coisas que ficam para além das palavras e que às vezes são indizíveis. E são essas que às vezes andamos à procura, e quando conseguimos vislumbrá-las ficamos mais calmos, não é? Portanto, esse momento do *Parole* traz alguma ligeireza à peça. Até fica bem naquele momento que é um bocado tenso para nós: eu estou a arrumar muita roupa e o Ricardo está a mudar o cenário, e, assim, acaba por acontecer magia com a música. A música é, na verdade, uma composição do Rui Carvalho (Filho da Mãe), a partir da música original.

Ricardo A Sandra tinha muito definida a parte plástica da peça, e também algumas referências que queria trazer. Ao longo destes dois anos fomos sempre falando, e acrescentando ou colando. Eu hoje olho para a peça e vejo-a toda redonda, como se tudo se encaixasse, todos os contrastes, todos os picos.

É UMA PEÇA QUE NOS FAZ NAVEGAR PELAS NOSSAS VIDAS.

— Ricardo Pereira

© Estelle Valente, EGEAC – Teatro Variedades & Capitólio. Sandra Barata Belo e Ricardo Pereira

Depois de tantos trabalhos na televisão e no cinema, este é um regresso ao teatro, Ricardo?

Ricardo Estava louco para regressar. Houve convites ao longo deste tempo, mas há a questão do conflito de datas. Venho do teatro e tentei durante uma parte da minha carreira, de dois em dois anos, fazer teatro. Até o meu filho comentou que não fazia teatro há algum tempo. Pois não ... a última peça que fiz foi um David Mamet no Teatro Poeira, no Rio de Janeiro, e estava com muitas saudades. Mas queria muito encontrar uma peça, um texto que me seduzisse. A Sandra e eu somos amigos e colegas de uma vida inteira, já trabalhámos juntos em cinema e televisão, e sempre tivemos este desejo de estender a nossa vida artística ao teatro. Foi o desafio certo no momento certo. Que seja um regresso feliz e que o público nos acompanhe nesta viagem, também aqui nesta casa que nós adoramos, o Teatro Variedades.

Sandra, começaste muito cedo no teatro. Imagino que tenhas sentido que foi um desafio juntares agora num mesmo espetáculo a adaptação, a encenação e a atuação (tanto mais que na peça tens um lado físico bastante exigente). Como foi equilibrar isto tudo?

Sandra Eu gosto de preparar as coisas com muito tempo, e todos os trabalhos que fiz até hoje obedeceram a isso. A programação das salas também o obriga.

Estou com este projeto há dois anos na cabeça. Tive muito tempo para o maturar, para pensar e para adaptar, para me libertar do texto e sentir que não estava a trair o autor. Literatura é literatura e teatro é teatro. Depois essa adaptação leva-me à encenação e vice-versa. Há aqui vários perigos que é quando a equipa chega e eu já tenho isto na minha cabeça. Por exemplo, tive de dizer ao Ricardo: "Já tenho isto na minha cabeça há dois anos, eu sei que estás a receber isto agora, e desculpa se eu me precipitar porque eu já durmo com isto há muito tempo" [risos].

Gosto de ter muito tempo para experimentar e ter as ideias, mas depois não estou sozinha, há sempre uma equipa comigo, com algumas pessoas que já me acompanham há algum tempo. O Rui Francisco, por exemplo, que é o cenógrafo, desde 2013, com a primeira criação que fiz, *Morreste-me*. Agora tivemos aqui a nossa querida (Rita) Lello, que esteve a olhar por nós, na direção de atores. É sempre um enorme orgulho e privilégio ter a Rita ao meu lado, uma senhora do teatro.

Isto é uma ideia que começa em mim, mas que depois se estende a toda uma equipa e começa a ser nosso.

E depois como temos esta brancura luminosa que não sabemos muito bem quem é, imaginei que pudesse vir dum sítio estranho, que são os tecidos verticais. Foi uma coisa que eu recuperei dos tempos em que estudei no Chapitô, em que aprendi a fazer essas coisas, e vinte e tal anos depois não estava nada à espera de estar pendurada nesses tecidos. Agora tenho de estar a fazer preparação física obrigatoriamente para conseguir cumprir com a exigência do espetáculo.

Partilhar o mesmo palco é uma experiência a repetir?

Sandra Não sei se o Ricardo ainda tem...[risos]

Ricardo Claro que sim! Para mim foi a primeira vez que tive uma encenadora - alguém que está a comandar o processo - que também é atriz. A Sandra dizia: "Ricardo, isto é uma peça em que tu entras 90 por cento e eu entro 10". Mas embora eu entre grande parte da peça, ela entra muito mais do que 10. Foi um processo muito difícil, mas muito prazeroso. Nós emburacámos no processo. Atolámos o nosso carro no Nirvana (espaço dos ensaios), em Queijas, durante dois meses seguidos, todos os dias, quase sem fins de semana, a fazer um grande trabalho imersivo. Trabalhar o texto, trabalhar os personagens, trabalhar o movimento com a Cláudia Nóvoa, sempre com o olhar de fora da Rita Lello... Este processo, para mim, enquanto ator, foi muito rico. Foi um exercício em que somos questionados permanentemente. Cada passo podia ser em direção ao abismo. Temos medo, mas queremos ir. Foi tudo uma grande aventura. Obviamente para repetir. É o início de uma grande colaboração.

Sandra Para mim foi incrível o Ricardo ter aceitado e ter confiado em mim. Estamos a falar de um ator muito especial, não só em Portugal, como fora. Tê-lo comigo a acreditar foi incrível. E ver o Ricardo a ser bombardeado com informação, minha, da Rita, e da Cláudia, tudo ao mesmo tempo, e com uma generosidade, a aceitar e a colaborar.... Foi, e é, um enorme prazer estar a trabalhar ao lado do Ricardo.

© Estelle Valente, EGEAC – Teatro Variedades & Capitólio, Sandra Barata Belo e Ricardo Pereira

ESTE ESPETÁCULO ABRE MAIS PERGUNTAS DO QUE DÁ RESPOSTAS. PARA MIM, ISSO É A BELEZA DO TEATRO.

— Sandra Barata Belo

Teatro Variedades & Capitólio

Direção
Joaquim René

Adjunta de direção
Ana Barbosa

Direção de Comunicação
Rita Rodrigues

Direção de Produção
Bruno Reis

Direção Técnica e de Cena
Filipe Silva

Adjunta para Direção Técnica e de Cena
Rita Benito Monteiro

Adjunto para Direção Técnica e de Cena
João Moreira

Comunicação
Margarida Rocha Oliveira
Mónica Martins

Produção
Tiago Antunes
Tiago Oliveira

Gestão de bilheteiras e de públicos
Sérgio Guimarães

Gestão de Públicos
Ana Sofia Fernandes
Joana Dias
Téo Pitella

Bilheteira
Beatriz Lopes
Sara Martins
Miguel Lopes

Camareira
Inês Oliveira

Cena
Eliana Lima
João Veloso
Madalena Venâncio
Sara Cipriano

Luz/Palco
Bento Silva
Bruno Bacanhim
Daniel Polho
Hugo Cochat
Pedro Cardoso

Som/Vídeo
André Cavalheiro
Pedro Baptista
Sérgio Rodrigues

Segurança e Manutenção
Pedro Santos

Design
V–A Studio

Fotografia
Estelle Valente e José Frade

Bilheteira
Horário: segunda a sábado
das 17h às 20h e domingo
das 13h às 16h

Em dias de espetáculo permanece aberta até 30 minutos após o seu início.

T. 210 523 631 / 210 523 632
bilheteira@teatrovariedades.pt

Como chegar
Metro: Linha Azul | Estação Avenida
Comboio: Linha Sintra e Linha Azambuja | Estação Restauradores
Autocarros: 709, 711, 732, 736, 744, 207, 19B
Gira: Estação 304
(junto ao Cinema São Jorge)

Acessibilidade
Para mais informações sobre a acessibilidade dos espaços, por favor, contacte o Teatro Variedades:
info@teatrovariedades.pt

Contactos
Geral: T. 210 523 630
info@teatrovariedades.pt
www.teatrovariedades-capitolio.pt

Localização
Parque Mayer, 1250-164 Lisboa

LISBOA
CULTURA